

*ARRE MARIA! COMO TU CUNRRESA: A ASPIRAÇÃO DE /v/ NO  
FALAR POPULAR DE FORTALEZA*

*ARRE MARIA! COMO TU CUNRRESA: THE ASPIRATION OF /v/ IN  
THE SPEECH OF FORTALEZA*

Aluiza Alves de Araújo  
Universidade Estadual do Ceará  
aluizazinha@hotmail.com

Ana Germana Pontes Rodrigues  
Universidade Estadual do Ceará  
anagermaninha@hotmail.com

Maria Lidiane de Sousa Pereira  
Universidade Estadual do Ceará  
lidiane\_lidiarock@hotmail.com

RESUMO: Com base na Sociolinguística Variacionista, este trabalho aborda o enfraquecimento da fricativa /v/, em posição intervocálica (ta/h/ a ~ta/v/a), no falar popular de Fortaleza. Objetivamos analisar as variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas que condicionam a aspiração de /v/. Verificamos que são pertinentes, nesse mesma ordem de importância, as variáveis: grupo fônico (*palavras com /ava/*); classes de palavras (*outros e verbos*); escolaridade (*0-4 anos*); frequência de uso (*termo muito usual, termo usual e termo extremamente usual*); monitoramento estilístico (*inquêritos do tipo DID*); faixa etária (*50 anos ou mais*); contexto fonológico subsequente ([a], [ɐ], [u]); sexo (*homens*); *status* morfológico do segmento (*morfema gramatical*) e dimensão do vocábulo (*dissílabos*).

PALAVRAS-CHAVE: Aspiração de /v/. Falar de Fortaleza. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: Based on Variationist Sociolinguistics, this paper deals the aspiration of the fricative /v/, in an intervocalic position (ta/h/ a ~ ta /v/ a), in the popular speech of Fortaleza. We aim to analyze the linguistic and/or extralinguistic variables that condition the aspiration of /v/. We verified that the following variables are relevant, in this same order of importance: phonic group (*words with /ava/*); classes of words (*others and verbs*); schooling (*0-4 years*); frequency of use (*very usual term, usual term and*

*extremely usual term*); stylistic monitoring (*DID surveys*); age group (*50 years or more*); subsequent phonological context (*[a]*, *[e]*), *[u]*); sex (*men*); morphological status of the segment (*grammatical morpheme*) and dimension of the word (*disyllables*).

KEYWORDS: Aspiration of /v/. Speech of Fortaleza. Variationist Sociolinguistics.

## Introdução

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), analisamos, neste trabalho, o enfraquecimento<sup>1</sup> da fricativa /v/ em coocorrência com sua manutenção e em posição intervocálica, no falar popular de Fortaleza-CE. Para ilustrar o fenômeno em pauta, destacamos algumas ocorrências extraídas da amostra deste estudo: *chega/v/a*, *de/v/ia*, *pensa/h/a* e *le/h/ando*<sup>2</sup>

Como podemos observar nas duas primeiras ocorrências supracitadas, a fricativa /v/ é realizada de forma plena. Já, nas duas últimas, notamos que ela ocorre de modo enfraquecido, sem, contudo, comprometer o potencial semântico dos vocábulos, figurando, assim, como variantes linguísticas (LABOV, 2008). Sobre a realização enfraquecida de /v/, Roncarati e Uchoa (1988, p.5) explicam que a pronúncia aspirada é produzida “em uma região que compreende o véu palatino (velar, como em ‘porta’ [pɔxtə]), a úvula (uvular, como em ‘gordo’ [‘gɔɾdu]) e a glote (glotal, como em ‘rádio’ [‘ɦadzu]).”<sup>3</sup>

Partindo do pressuposto de que, na variedade popular falada na capital cearense, a realização variável de /v/ (enfraquecimento *versus* realização plena) em posição intervocálica pode figurar como um fenômeno de variação linguística bastante produtivo, realizamos este trabalho tendo como principal objetivo observar quais variáveis intra e/ou extralinguísticas<sup>4</sup> condicionam o uso da variante aspirada.

Os dados de linguagem falada que alimentam esta pesquisa são provenientes da fala de 48 fortalezenses disponíveis no acervo sonoro do *corpus* do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR).

<sup>1</sup> Neste trabalho, os termos enfraquecimento, aspiração, reificação e glotalização são usados como sinônimos.

<sup>2</sup> Ocorrências extraídas do inquérito DID – 06 do NORPOFOR.

<sup>3</sup> Esses exemplos pertencem a dialetos diferentes do português do Brasil e estão com os mesmos símbolos fonéticos utilizados pelos autores nos trabalhos originais.

<sup>4</sup> Na seção dedicada aos procedimentos metodológicos do trabalho, apresentamos todos os grupos de fatores testados na pesquisa.

Como hipóteses iniciais, defendemos que a aspiração de /v/ é condicionada, principalmente, pelas variáveis extralinguísticas *escolaridade*, *faixa etária* e *monitoramento estilístico*, bem como intralinguísticos: *contexto fonológico*, *frequência de uso* e *status morfológico do segmento*.

De modo mais específico, acreditamos que: **a)** os *contextos fonológicos* circundados pela vogal /a/ atuam de forma positiva sobre o enfraquecimento de /v/; **b)** quanto maior a *frequência de uso do segmento*, maior será a sua probabilidade de ocorrer a forma aspirada; **c)** para o *status morfológico do segmento*, supomos que os *morfemas gramaticais*, em especial, os que contêm o pretérito imperfeito do indicativo com a forma /ava/, favorecerão a variante reificada.

Quanto às variáveis extralinguísticas, supomos que: **a)** a variável *escolaridade* exerce influência sobre a aspiração da fricativa /v/, pois, quanto menor o grau de escolaridade, maior seu enfraquecimento; **b)** a *faixa etária* dos falantes exerce influência na realização variável do fenômeno, pois quanto mais jovens, maior a probabilidade de eles usarem a variante aspirada; **c)** a variável *sexo* não exerce influência sobre o fenômeno, pois ocorre o enfraquecimento de /v/ em ambos os sexos e **d)** quanto menor o *monitoramento estilístico*, maior será a aspiração de /v/ em posição intervocálica.

Além desta introdução e das considerações finais, este artigo é composto por mais três seções. Assim, na seção que segue esta introdução, discutimos, ainda que brevemente, alguns dos achados de outros estudiosos do fenômeno, tanto na variedade de Fortaleza como em outras variedades do português falado no Brasil. Na sequência, delineamos alguns dos principais passos metodológicos percorridos para a realização desta pesquisa. Logo depois, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para este trabalho.

## 1. Estudos sociolinguísticos sobre o enfraquecimento de /v/ no português do Brasil

Roncarati e Uchoa (1988; RONCARATI, 1999) analisam a aspiração e o apagamento das fricativas /v, z, Z/ na fala cearense, procurando determinar o seu contexto linguístico e pragmático, medindo também o nível de estigmatização do fenômeno, através de um teste de atitudes linguísticas. Seus resultados revelaram que, em /v/, apenas 6,85% (104/1519)<sup>5</sup> dos dados foram de enfraquecimento. Esses resultados foram baseados em uma pequena amostra, com 10 informantes: 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com escolaridade de 1º (Ensino

<sup>5</sup> Número de ocorrências enfraquecidas/número total de dados da rodada.

Fundamental) e 2º grau (Ensino Médio), além de uma informante analfabeta. A faixa etária é dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14 e outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42).

Os resultados dos fatores sociais revelaram que, quanto à escolaridade, o índice de enfraquecimento de /v/ (0,89<sup>6</sup>) é menor em falantes com as séries iniciais do 1º grau; os resultados gerais para os fonemas /v, z, ʒ/ foram: analfabetos<sup>7</sup> (0,45 – 42/46), 1ª a 4ª série (0,78 – 99/130), 5ª a 8ª série (0,30 – 161/235) e 2º grau (0,42 – 68/97). Quanto à classe social, o enfraquecimento é maior na classe baixa; para /v/: classe baixa (0,66) e média (0,34). Quanto ao sexo, o enfraquecimento de /v/ é ligeiramente maior entre os homens (0,51) do que entre as mulheres (0,48). Quanto à idade, a aspiração de /v/ tem um índice maior entre os jovens (0,80); os resultados gerais dessa variável para os fonemas /v, z, ʒ/ foram: criança (0,85 – 25/25), adolescentes (0,28 – 3/5), jovens (0,38 – 149/212) e adultos (0,40 – 193/265).

Os fatores linguísticos analisados foram: distância de tonicidade e a qualidade vocálica. Quanto à distância de tonicidade, a distância antecedente 1 é a mais favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,73). Para exemplificar esse contexto, os autores destacam: “na ditadura ta[h]a pior que isso”. Para as demais distâncias antecedentes (0, 2, 3 e 4)<sup>8</sup>, os valores não foram relevantes. Quanto à distância da tônica seguinte, os maiores índices de enfraquecimento ocorreram nas distâncias 4 (0,68), 1 (0,61), 3 (0,57) e 5 (0,55)<sup>9</sup>. Quanto à qualidade vocálica, o enfraquecimento de /v/ obteve índices mais altos com a vogal /a/, tanto antecedendo (0,78 – 66/471) quanto sucedendo (0,64 – 72/405) o segmento. Em posição intervocálica, o grupo /ava/ obteve os índices mais altos (0,85 – 62/245). Os autores ressaltam ainda que o grupo /a + a registrou o índice mais alto de enfraquecimento em quaisquer posições (pré, pós e intervocálica).

<sup>6</sup> Peso relativo.

<sup>7</sup> O termo ‘analfabetos’ é usado pelos autores com referência a sujeitos que nunca frequentaram os grandes bancos escolares.

<sup>8</sup> Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 0 – “# [h]á buscar uma rôpinha” (0,50); 1 – “na ditadura ta[h]a pior que isso”; 4 – “Tinha que le[h]á pro Frifor” (0,48); 3 – “a gente apro[h]eita[h]a um horário” (0,40); 2 – “O gado [h]em em cima...” (0,37). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 29)

<sup>9</sup> Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 4 – “chega[h]a na maior.” (0,68); 1 – “Se ti[h]er um poder aquisitivo (0,61); 3 – “[h]ai fazer cursinho.” (0,57); 5 – “porque ta[h]a muito cansado.” (0,55); 2 – “que o velho ta[h]a morto.” (0,49); 0 – “A gente dança[h]a a...” (0,15). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 32)

Esse resultado fez com que os autores buscassem medir o nível de usualidade, associando-o ao grau de favorecimento ou não do enfraquecimento, considerando que o fenômeno poderia ser melhor explicado à luz do difusionismo lexical<sup>10</sup>. Para fazer esse levantamento lexical, os autores incluíram, além das 10 entrevistas: uma de IMP (Interação Médico-Paciente), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará, com 3 participantes, e 4 gravações de falantes do interior, pertencentes ao Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). Os falantes do interior possuíam as seguintes características: três mulheres, uma de 41 anos, da classe alta; outra, de 9 anos, da classe baixa e a terceira, de 46 anos, da classe média; e um homem, de 45 anos, da classe média<sup>11</sup>.

Os autores consideraram como itens “mais frequentes” tanto aqueles que seriam produzidos pela totalidade dos falantes da amostra quanto um item que fosse muito frequente no léxico de um falante, incluindo o seu uso interiorano ou citadino<sup>12</sup>. Além disso, esses autores elaboraram uma espécie de verbete para cada item lexical, contendo suas realizações plenas (manutenção) e enfraquecidas. Ao final, foi organizado um dicionário para cada fricativa (/v/, /z/ e /ʒ/) e foi feito um cálculo das frequências globais dos informantes.

Nos resultados dessa pesquisa, o morfema do imperfeito foi selecionado em primeiro lugar. Os verbos com esse morfema são os mais usuais no léxico de todos os falantes do *corpus* por eles analisado: com os fortalezenses da amostra básica (10 falantes), a aspiração atingiu 25,86%; com os 3 participantes da Interação Médico-Paciente (IMP), esse índice foi de 68,29%; e nos 4 falantes do interior, esse valor foi ainda maior, 77,77%. Além disso, comprovam ainda que quanto maior a usualidade do verbo, maior será a probabilidade do seu enfraquecimento, como aconteceu com os verbos “ta[h]a” (23 ocorrências na amostra básica) e “queixa[h]a” (3 ocorrências na IMP). Em segundo lugar, vieram os verbos “gosta[h]a” (10 ocorrências na amostra básica), “brinca[h]a”, “toma[h]a” e “fica[h]a” (estes três no interior do Ceará), seguidos por “da[h]a” (6 ocorrências na amostra básica). Além dos verbos, outra expressão bastante utilizada foi a locução interjetiva “A[h]e Maria”.

Sobre a correlação entre relevância informacional e usualidade do léxico, verificou-se que o enfraquecimento tende a ser maior sobre os elementos do

<sup>10</sup> O difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfo-lexical, prevendo afetamento gradual do léxico. (RONCARATI, 1999, p. 2).

<sup>11</sup> Os níveis de escolaridade não são especificados, apenas o da mulher de 46 anos, que possuía o 1º grau (atualmente, Ensino Fundamental) incompleto.

<sup>12</sup> Exemplos: ca[h]alo (interiorano) e esta[h]a (citadino e interiorano).

enunciado que só têm sentido em relação à estrutura gramatical, nos quais se incluem os morfemas gramaticais. Os morfemas lexicais, por sua vez, portadores de conteúdo informacional, são mais resistentes à aspiração. Os autores também procuraram medir o nível de informalidade e, embora não tenham conseguido confirmar, em seus dados, acreditam que exista uma relação entre enfraquecimento e informalidade.

Por fim, o teste de atitudes que os autores aplicaram revelou que: a situação de fala informal favorece o enfraquecimento; o enfraquecimento é uma marca masculina (sinalizaria “manifestação de ‘macho’”); os adultos enfraquecem mais as fricativas; há uma forte correlação entre nível de estigmatização e origem do falante (as mais estigmatizadas são atribuídas a falantes interioranos); a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos caminham juntas.

Sobre o falar pessoense, no estado da Paraíba, Marques (2001) trata da reificação do fonema /v/. Ela utilizou todo o *corpus* do projeto VALPB, ou seja, 60 informantes, sendo 30 homens e 30 mulheres, 20 de cada faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos), e 12 para cada divisão em anos de escolarização (0-4 anos, 5-8, 9-11 e mais de 11 anos). A ocorrência de /v/ nessa comunidade dá-se de duas formas: realização plena e aspirada. Ela dividiu seus dados em dois arquivos: arquivo 1, composto pelos contextos em que a vogal /a/ está circundando /v/; arquivo 2, formado pelos demais contextos em que /v/ está precedido e sucedido por vogais variadas (por exemplo: /i/ + /v/ + /e/ = tivesse).

Assim, seus resultados revelaram que, no arquivo 1, quanto ao *status* morfológico do segmento, os morfemas lexicais tendem a conservar a realização plena (0,12)<sup>13</sup>, enquanto que os morfemas não-lexicais<sup>14</sup> são mais favoráveis à aplicação do fenômeno, ou seja, da reificação (0,57). Quanto à dimensão do vocábulo, verificou-se que os dissílabos são fortes favorecedores do enfraquecimento (0,66) ao lado dos monossílabos (0,54). Com relação às classes de palavras, os resultados indicaram que os verbos foram os que mais favoreceram a reificação (0,53).

No arquivo 2, a posição/tonicidade do segmento foi o fator selecionado como o mais relevante, resultando que a tônica medial (0,73) e a postônica (0,71) são as que mais favorecem o enfraquecimento. Quanto ao contexto

<sup>13</sup> Os pesos relativos registrados no trabalho de Marques (2001) referem-se à variante aspirada.

<sup>14</sup> “Ou seja, que não fazem parte da forma básica e significativa do vocábulo” (MARQUES, 2001, p. 60).

fonológico seguinte e precedente, constatou-se que /v/, quando sucedido pela vogal /a/, alcança o índice de 0,76 (para o enfraquecimento) e, “quando /v/ está antecedido por uma [vogal] média e sucedido por um /a/, ou, antecedido por /a/ e seguido por uma [vogal] nasal, a probabilidade de variação é bastante positiva (0,77 e 0,68).” (MARQUES, 2001, p. 70). Em relação às classes de palavras, novamente os verbos foram os mais relevantes para a reificação (0,60).

Com relação aos fatores sociais, só foram selecionados os fatores do arquivo 1. Referente aos anos de escolarização, verificou-se que quanto maior o grau de escolaridade, menor será a reificação (até 8 anos de escolarização, os pesos variaram de 0,56 a 0,59). Em relação à faixa etária, apenas os indivíduos de 26 a 49 anos tiveram um valor relevante (0,58), os que tinham mais de 50 anos tiveram um valor abaixo do ponto neutro, de 0,47. No tocante ao sexo, as mulheres foram as maiores favorecedoras à realização aspirada (0,54). Por fim, o resultado global da ocorrência dessas duas variantes presentes no *corpus* mostrou que o índice de enfraquecimento é de apenas 0,13 contra 0,88 da realização plena. No entanto, a autora afirma que, pelo fato de a reificação ser bastante frequente em alguns contextos, ela mereceu ser estudada.

A pesquisa de Canovas (1991), sobre o falar de Salvador-BA, analisa a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ em ataque silábico. Sua amostra constituiu-se de 45 informantes, distribuídos desta forma: escolaridade (1º, 2º e 3º graus) e idade (13-20, 21-45 e 46-70 anos). Ela não levou em consideração a variável sexo por constatar que, em seus dados (assim como na maioria de outros estudos linguísticos), as mulheres apontam um comportamento linguístico conservador. Portanto, o sexo do informante só foi determinado para informar mais uma característica sua. As gravações foram feitas pela autora e tinham um caráter semi-informal. Além dessas, ela também coletou entrevistas televisivas de 79 informantes de nível superior, com idade entre 25 a 60 anos, sendo apenas 8 do sexo feminino, em situações de fala formal.

Segundo a autora, em /v, z, ʒ/, o processo de enfraquecimento encontra-se em fase embrionária. O uso da forma padrão é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744). A fricativa /v/ teve resultados diferentes, pois os falantes mais escolarizados, de 3º grau, foram os que mais aspiraram (5,73% ou 34/593), em seguida, vêm os falantes que possuíam até o 1º grau (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o 2º grau completo (0,52% ou 3/568). Quanto à idade, são os mais idosos que mais realizam a variante aspirada (4,05%, 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42%, 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33%, 12/514). A respeito da ocorrência com as formas em

/ava/, Canovas (1991) verifica que, em Salvador, elas não foram relevantes o suficiente para aumentar o índice de aspiração.

No tocante aos fatores linguísticos, em relação a /v/, a autora controlou apenas a tonicidade e verificou que as ocorrências aspiradas de /v/ em início de sílaba são bem mais frequentes em sílabas átonas [-ac] ( $56/970 = 5,77\%$ ) do que em sílabas tônicas [+ac] ( $2/774 = 0,25\%$ ).

Ainda em Salvador e quase vinte anos depois, Pelicioli (2008) trata especificamente da aspiração das fricativas na fala dessa cidade. Seu *corpus* foi constituído por 8 inquéritos experimentais do projeto ALiB, distribuídos igualmente entre faixa etária (I – 20 a 30 anos; II – 46 a 61 anos), gênero (masculino e feminino) e nível de escolaridade (fundamental e universitário).

A aspiração de /v/, que não fora rodada no Varbrul, obteve 48 ocorrências, sendo o sufixo do imperfeito do indicativo /ava/ o que aparece na maioria dos casos (88% ou 42/48) e a palavra “inclusive” com 2% ou 1/48. Nas variáveis sociais, Pelicioli (2008) obteve resultados bastante semelhantes aos de Canovas (1991), pois, em relação à escolaridade, os informantes de nível universitário alcançaram 52,1% (25/48) das realizações aspiradas de /v/, enquanto os de nível fundamental ficaram com 47,9% (23/48) das ocorrências. Em relação à faixa etária, o autor também confirmou os resultados de Canovas (1991): os mais idosos (de 46 a 61 anos) aspiram mais a fricativa /v/ (58,3%, 28/48), do que os falantes de 20 a 30 anos (41,7%, 20/48).

Enfim, os estudos apresentados nesta seção contribuíram, principalmente, para verificarmos a existência das realizações da fricativa /v/ em algumas localidades do Brasil e para fazermos o levantamento das principais variáveis que estariam condicionando o fenômeno (aspiração e manutenção).

No Ceará, os fatores mais relevantes foram a *usualidade do item lexical*, a *classe gramatical*, o *contexto fonológico*, a *relevância informacional* e o *monitoramento estilístico* (informalidade). Ainda no Nordeste, em Salvador (Bahia), foram levados em consideração praticamente os mesmos fatores sociais (e um linguístico: a tonicidade), mas constatou-se também que a aspiração, ao contrário do Ceará, não seria um estereótipo, mas apenas uma espécie de indicador, visto que ocorre em todos os grupos socioeconômicos e etários. Já, em João Pessoa (Paraíba), ao serem analisados contextos mais específicos de /v/, verificou-se que a *escolaridade* (maior escolaridade, menor reificação), a *faixa etária* (apenas a intermediária) e o *sexo* (mulheres reificaram mais) também estariam influenciando a ocorrência da aspiração.

## 2. Procedimentos metodológicos

Conforme assinalamos logo na introdução, para este estudo, usamos uma amostra de fala composta por 48 informantes distribuídos entre os inquiridos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo Entre Dois Informantes (D2). Tais inquiridos foram extraídos do acervo sonoro do projeto NORPOFOR. Construído com o intuito de armazenar e disponibilizar material linguístico representativo da variedade popular da capital cearense (ARAÚJO, 2011), o NORPOFOR figura hoje como um dos mais importantes bancos de dados de linguagem falada, bem como o mais atual acerca da variedade popular fortalezense do qual temos conhecimento.

Ao todo, o NORPOFOR conta com 198 informantes estratificados socialmente de acordo com o sexo biológico (homens e mulheres), a faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e a partir dos 50 anos), a escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; e 9 a 11 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador - DID; Diálogo entre dois Documentadores - D2; e Elocução Formal - EF).

De acordo com o que já pontuamos, a amostra usada, nesta pesquisa, foi composta a partir de um recorte no quadro geral dos informantes do NORPOFOR, conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Distribuição dos informantes da amostra por sexo, idade, tipo de registro e escolaridade. Fonte: Adaptado de AUTOR (2011, p. 839). Legenda: DID (Diálogo entre Informante e Documentador); D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

	Sexo							
	Homem				Mulher			
Registro	DID		D2		DID		D2	
Escolaridade Idade	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11
15 a 25 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
26 a 49 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
50 em diante	2	2	2	2	2	2	2	2

Como podemos observar no Quadro 1, situamos 2 informantes por célula, devidamente alocados de acordo com sua estratificação social no NORPOFOR. Sobre o controle das variáveis escolaridade e tipo de inquirido, convém destacar que, dentre os três tipos de inquiridos, optamos por trabalhar apenas com os

DID e D2 – conforme já indicamos – desprezando os inquéritos do tipo EF. Essa opção se deve ao fato de que, no NORPOFOR, algumas células do EF estão vazias, fato que certamente comprometeria o equilíbrio da amostra. Já para a escolaridade, selecionamos apenas informantes com 0-4 e 9-11 anos de escolarização, desprezando os de escolaridade intermediária (5-8 anos). Isso pode nos fornecer um interessante retrato da atuação dos níveis extremos (maior e menor) da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/.

Além da estratificação segundo o sexo biológico, a faixa etária, o grau de escolaridade e o tipo de inquérito, AUTOR (2011) explica que foram adotados outros critérios quanto à seleção dos informantes. Nas palavras da autora, os informantes selecionados tratam-se de:

[...] fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantêm residência fixa na capital cearense. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões (AUTOR, 2011, p. 838).

Após a seleção dos informantes para compor a amostra deste estudo, elaboramos o nosso envelope de variação. Nessa parte da pesquisa, delimitamos com precisão a variável dependente e as independentes (intra e extralinguísticas) controladas no estudo.

## 2.1 Variável dependente

A variável dependente deste trabalho compreende duas variantes linguísticas: a primeira refere-se ao *enfraquecimento de /v/ (te/h/e)*<sup>15</sup> e, a segunda variante, à *manutenção da fricativa /v/ em posição intervocálica (pega/v/a)*<sup>16</sup>.

## 2.2 Variáveis independentes

Ao todo, foram testadas nove variáveis independentes de natureza intralinguística, a saber: *contextos fonológicos precedente e subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, status morfológico do segmento, dimensão do vocábulo, classes de palavras, grupo fônico e frequência de uso do segmento*. Também foram controladas quatro variáveis extralinguísticas, a saber: *sexo, faixa etária, escolaridade e monitoramento estilístico*.

<sup>15</sup> Ocorrência retirada do D2 93 do *corpus* NORPOFOR.

<sup>16</sup> Dado extraído do DID 06 do *corpus* NORPOFOR.

### 3. Apresentação dos resultados

Ao longo dos 48 inquéritos selecionados, localizamos 5.055 ocorrências de /v/ em posição intervocálica. Desse total, 996 (19,7%) dados correspondem à forma aspirada, e 4.059 (80,3%), à manutenção. A primeira rodada foi apenas experimental e apresentou nocaute<sup>17</sup> em dois grupos, a saber: nas variáveis *contexto fonológico precedente* e *contexto fonológico subsequente*. Na primeira variável, quando uma consoante antecedia /v/, não ocorreu nenhuma variante aspirada. Nesse mesmo grupo, a vogal [õ] também só apresentou ocorrências de manutenção de /v/. Já na segunda variável, não houve ocorrência enfraquecida quando as vogais [ĩ], [ẽ], [õ]<sup>18</sup> e a semivogal [ɨ]<sup>19</sup> sucediam /v/.

Na segunda rodada, retiramos os nocautes e passamos a trabalhar com 4.767 dados, dos quais 996 eram de enfraquecimento, correspondendo a 20,9% dos dados. Nessa mesma rodada, o programa selecionou e excluiu a variável *grupo fônico*, além de não selecionar nem excluir da rodada a variável *contexto fonológico precedente*. Diante dessa situação, resolvemos investigar se estaria havendo alguma sobreposição de fatores.

Para isso, fizemos cruzamentos entre o *grupo fônico* e as outras variáveis linguísticas selecionadas pelo programa e entre o *contexto fonológico precedente*, bem como com os demais grupos de fatores linguísticos. Com esses cruzamentos, percebemos que vários grupos apresentavam uma má distribuição dos dados, principalmente entre esses dois grupos, pois, dentre as células do fator *palavras com /ava/*, só houve preenchimento com a vogal /a/ como precedente. Além disso, verificamos, **nível por nível**, e percebemos que, quando o grupo fônico aparecia juntamente com o contexto fonológico precedente, o primeiro diminuía, de forma considerável, o valor do segundo.

Para evitarmos excluir um dos grupos, resolvemos averiguar se seria possível um amalgamamento. Verificamos que havia menos de 10 dados de pretônicas enfraquecidas e, seguindo a teoria de Guy e Zilles (2007), a qual nos diz que devemos buscar amalgamar ou eliminar fatores com menos de 10 ocorrências, resolvemos amalgamar as pretônicas (cuja aplicação, em relação ao total de ocorrências foi 5/605) com as postônicas, formando, assim, um novo fator, denominado **átonas**.

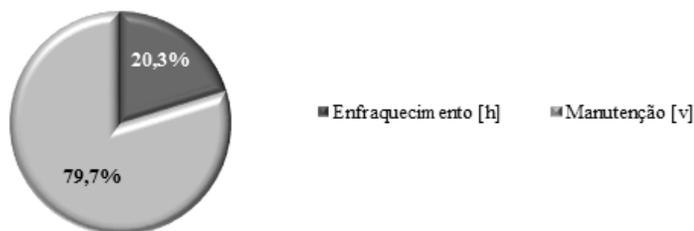
<sup>17</sup> De acordo com Guy e Zilles (2007, p.158), “nocaute é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0 ou 100% para um dos valores da variável dependente.”

<sup>18</sup> E só houve 2 ocorrências de [õ] na manutenção: “I[v]onete” (Inq. 36) e “I[v]onilde” (Inq. 93).

<sup>19</sup> Ao todo, só houve uma ocorrência de [ɨ]: “Flá[v]ia” (Inq. 143).

Na rodada feita após esse amálgama, aconteceu o mesmo da rodada anterior: o programa selecionou e excluiu o *grupo fônico* e não selecionou nem excluiu o *contexto fonológico precedente*. Por isso, resolvemos excluir esse último da rodada seguinte. Dessa forma, conseguimos obter resultados satisfatórios e passamos a trabalhar com 4.902 dados, dos quais 996 (20,3%) eram de enfraquecimento e 3.906 (79,9%) de manutenção, como podemos observar no Gráfico 1:

Gráfico 1: Frequência de uso das variantes estudadas após a retirada dos nocautes e exclusão da variável *contexto fonológico precedente*. Fonte: Autor.



De acordo com os dados dispostos no Gráfico 1, na amostra deste trabalho, a variante marcada pelo enfraquecimento de /v/ em contexto intervocálico tende a ocorrer com menor frequência (20,3%) do que a variante com a manutenção de /v/. Também nessa rodada, o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) selecionou como melhor nível de análise o *step up 76* (*input* 0,069, significância 0,002 e *log likelihood* -1582,742), apresentando como grupos relevantes (nesta ordem): *grupo fônico*, *classes de palavras*, *escolaridade*, *frequência de uso*, *monitoramento estilístico*, *faixa etária*, *contexto fonológico subsequente*, *sexo*, *status morfológico do segmento* e *dimensão do vocábulo*. Em contrapartida, foram excluídos, também nesta ordem, *tipo de sílaba* e *tonicidade*. Assim, baseando-nos nessa seleção de fatores, mostraremos os resultados obtidos para cada uma destas variáveis apontadas como estatisticamente relevantes.

#### a) Grupo fônico

Analisamos a variável *grupo fônico*, a fim de separarmos dois contextos intervocálicos de /v/ que se comportaram de forma bem diferente na amostra deste trabalho e em outras pesquisas que apresentaram essa mesma peculiaridade (RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991; MARQUES, 2001;

PELICIOLI, 2008). De modo mais preciso, separamos e testamos a atuação de *palavras com /ava/* (verbos e não-verbos): pega/v/a (DID 06); ca/v/alo (D2 111) e *palavras sem /ava/* (verbos e não-verbos): ti/v/esse (DID 06); cutu/v/elo (DID 06).

Tabela 1: Atuação da variável *grupo fônico* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico. Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Palavras com /ava/	841/1869	45,0	0,667
Palavras sem /ava/	155/3033	5,1	0,394

A variável *grupo fônico* apresentou, como aliado do enfraquecimento, o fator *palavras com /ava/*, corroborando com nossas hipóteses iniciais, bem como com os resultados obtidos por outros estudos (RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991; MARQUES, 2001; PELICIOLI, 2008). Os demais contextos, isto é, *palavras sem /ava/*, inibiram o uso da regra (0,394), conforme revelam os dados da Tabela 1.

#### b) Classes de palavras

Supondo que a variável *classe de palavras* poderia exercer influência sobre a variante aspirada em contexto intervocálico, testamos os seguintes fatores: *nomes*: cutu/v/elo (DID 06); *verbos*: fala/v/a (DID 06) e *outros*: A/v/e Maria (DID 95).

Tabela 2: Atuação das *classes de palavras* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico. Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Outros	24/43	55,8	0,983
Verbos	942/3179	29,6	0,597
Nomes	30/1602	1,9	0,299

O programa selecionou a variável *classes de palavras*, cujos resultados, dispostos na Tabela 2, revelaram uma aplicação quase categórica da variante aspirada no fator *outros* (nem nomes nem verbos), como mostra o peso relativo de 0,983. Esse valor deve-se apenas à locução interjetiva “Ave Maria!”. Os *verbos* também apresentaram um valor favorável ao enfraquecimento (0,597),

ao contrário dos *nomes* que foram inibidores da regra (0,299), também segundo os dados da Tabela 2.

Sobre a produtividade de variação, conforme as diferentes classes de palavras, Dubois *et al.* (1973) explica que a variação de determinados fenômenos – a exemplo do enfraquecimento de /v/ em posição intervocálica – tende a ser fortemente influenciada pelos níveis morfológicos, já que existem fenômenos que atingem apenas determinadas classes de palavras, não agindo em outras. Assim como neste trabalho, a variável classe de palavras também se revelou estatisticamente importante nos estudos de Roncarati e Uchoa (1988), Marques (2001) e Alencar (2007).

Após um apurado levantamento lexical, Roncarati e Uchoa (1988) verificaram que, em seus dados, a variante aspirada já estava em estágio bastante avançado em “ta[h]a” e “gosta[h]a”, parecendo “estar no meio do caminho” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 68) em “fica[h]a”, “da[h]a” e “chega[h]a”, podendo ainda ocorrer esporadicamente com qualquer outro verbo, como “deixa[h]a”, “enxerga[h]a” ou “mora[h]a”.

Em Marques (2001), a variável *classes de palavras* também foi selecionada em dois contextos diferentes, a partir dos quais a autora analisa o enfraquecimento de /v/, ou seja, tanto no arquivo que continha as formas com /ava/, como no outro arquivo, em que havia os demais contextos. Para o primeiro arquivo, os resultados indicam que são os verbos (0,53) os únicos favorecedores do fenômeno; as demais categorias gramaticais foram amalgamadas e mostraram um resultado irrelevante (0,13). No arquivo, contendo os demais contextos, essa variável foi selecionada em último lugar e também obteve um valor relevante para o enfraquecimento de /v/ nos verbos, de 0,60 (88/3992 – 2%), enquanto o grupo dos não-verbos obteve apenas 0,36 (19/2690 – 1%), para aspiração de /v/.

Ainda segundo Roncarati e Uchoa (1988), Marques (2001) e Alencar (2007), as formas do pretérito imperfeito do indicativo em /ava/ é que apresentam o maior número de ocorrências. Nos dados do referido estudo, outras formas verbais não foram relevantes e houve um baixo índice de ocorrência em outras classes de palavras. No entanto, a autora também confirma que, depois das formas verbais em /ava/, as formas dos verbos “ter” (“te[h]e”, ti[h]er”), “estar” (“esta[h]a”, ta[h]a) e “levar” (“le[h]ava”) estão entre as mais atingidas.

### c) Escolaridade

Acreditando nas possíveis influências da *escolaridade* sobre a aspiração de /v/ em posição intervocálica, testamos dois níveis de escolaridade distintos: 0-4 anos e 9-11 anos. Esta variável foi selecionada em terceiro lugar pelo Goldvarb

X, sendo a primeira variável extralinguística apontada como estatisticamente pertinente. Com essa variável, verificamos que os falantes de *menor escolaridade* (0 a 4 anos) beneficiam a aspiração (0,640); os de *maior escolaridade* (de 9 a 11 anos) tendem a inibir o processo (0,354), como revela a Tabela 3.

Tabela 3: Atuação da *escolaridade* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	723/2514	28,8	0,640
9 a 11 anos	273/2388	11,4	0,354

Importante lembrar que os resultados obtidos para a variável *escolaridade* confirmam nossas hipóteses iniciais, já que esperávamos mesmo que os falantes com menos escolarização favorecessem o uso da variante aspirada, ao contrário dos informantes com mais anos de escolaridade, conforme apontamos na introdução deste artigo.

Além disso, muitos estudos têm indicado uma relação próxima entre o nível de escolaridade do falante e sua escolha por determinadas variantes linguísticas. Labov (1994), por exemplo, ao estudar o inglês falado em Nova Iorque, observou que os falantes com menor escolaridade tendem a usar com maior frequência as formas não-padrão<sup>20</sup>, enquanto que as formas padrão eram mais utilizadas pelos mais escolarizados. Essa constatação vem sendo uma tendência verificada em muitas pesquisas realizadas na área da sociolinguística quantitativa.

No quadro da literatura pertinente, a pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988) revelou que a escolaridade também exerce importante atuação sobre o enfraquecimento da fricativa /v/, indicando, em linhas gerais, que a aspiração desse fonema tende a ser favorecida (0,89) por falantes nas séries iniciais do primeiro grau (atualmente, Ensino Fundamental). De igual modo, os resultados do teste de atitudes, aplicado pelos autores, revelaram resultados mais voltados para determinados itens lexicais, isto é, “as formas menos favoravelmente cotadas, [...] ‘tele[h]isão’, seriam produzidas por aqueles falantes do grupo ‘c’: menor escolaridade, menor *status* e não-urbanos” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93).

<sup>20</sup> Os termos variantes padrão e não-padrão são usados para fazer menção às formas preservadas pela tradição escolar.

Esse mesmo teste de atitudes revelou ainda que, em relação ao item “gosta[h]a”, três juízes mencionaram a existência da troca de “v” por “r”: “Um juiz afirmou que ‘aprendi bastante para não cometer tal erro’.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 95, aspas no original).

Na pesquisa de Marques (2001), por sua vez, os informantes analfabetos<sup>21</sup> foram os maiores aliados do enfraquecimento de /v/ (0,59), obtendo um índice muito próximo aos que tinham de 1 a 4 anos de escolarização (0,58). Os sujeitos com 5 a 8 anos de escolaridade também agiram positivamente sobre o fenômeno (0,56), porém os falantes com 9 a 11 (0,34) e mais de 11 anos (0,29) inibiram a aspiração de /v/.

Ainda que com notórias diferenças quanto aos valores obtidos para os pesos relativos, neste estudo, e nas pesquisas de Roncarati e Uchoa (1988) e Marques – afinal, as três pesquisas refletem resultados obtidos para três diferentes comunidades de fala – verificamos que os resultados encontrados para a variável escolaridade caminham na mesma direção, ou seja, indicam que quanto menos escolaridade possui o falante, maior a probabilidade de eles usarem a variante que não é preservada pela escola, ou seja, a variante em que /v/ sofre aspiração em posição intervocálica.

#### d) Frequência de uso

A variável *frequência de uso do segmento* leva em consideração a hipótese proposta por Roncarati e Uchoa (1988) de que o fenômeno estaria lexicalmente condicionado, pois quanto mais determinada palavra precisar ser utilizada, maior será a sua possibilidade de variação; no caso da nossa pesquisa: quanto maior a frequência de uso do segmento, maior a probabilidade de ocorrer a aspiração de /v/ em posição intervocálica.

Antes de discutirmos os resultados obtidos para a variável *frequência de uso do segmento*, pontuamos que, para a determinação dos fatores que comporiam essa variável, deixamos para codificar a frequência de uso após todas as outras variáveis terem sido codificadas na amostra. De igual modo, fizemos uma contagem de cada palavra que aparecia em nossos dados para, depois, podermos agrupá-las, ou não, junto a outras que se modificavam apenas em algumas flexões.

Ao término, chegamos à definição dos seguintes fatores para comporem a variável frequência de uso: termo extremamente usual (de 301-520): ta/v/a

---

<sup>21</sup> O termo ‘analfabeto’ é usado por Marques (2001) para referir os informantes que nunca frequentaram os grandes bancos escolares.

(DID 06); termo muito usual (de 101-300): no/v/o (DID 06); termo usual (de 61-100): chega/v/a (DID 06); termo pouco usual (de 21-60): no/v/ela (DID 95) e termo pouquíssimo usual (de 01-20): chu/v/a (DID 95).

De acordo com os resultados obtidos para essa variável, devidamente expressos na Tabela 4, os fatores *termo muito usual*, *termo usual* e *termo extremamente usual* foram, nesta ordem hierárquica, os que favoreceram o enfraquecimento de /v/, obtendo peso relativo: 0,641, 0,540 e 0,529, respectivamente. Esses resultados confirmam, portanto, a hipótese, inicialmente, levantada por nós.

Tabela 4: Atuação da *frequência de uso* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/ Total	%	P.R.	Exemplo
Termo muito usual	160/1048	15,3	0,641	fica[h]a
Termo usual	191/674	28,3	0,540	da[h]a
Termo extremamente usual	281/513	54,8	0,529	ta[h]a
Termo pouco usual	156/923	16,9	0,455	si[h]iu
Termo pouquíssimo usual	208/1744	11,9	0,413	cutu[h]elo

Nos dados deste estudo, só classificamos como *termos extremamente usuais* os verbos “ta/v/a(m) - esta/v/a(m)”, pois, com eles, obtivemos o peso relativo de 0,529. Contudo, os termos classificados como *muito usuais* e *usuais* apresentaram maior diversidade de palavras, indicando, portanto, maior possibilidade de enfraquecimento em mais contextos. São ocorrências de termos muito usuais: “tive”, “leva”, “conversa”, “teve”, “novo”, “vive”; dados de termos usuais: “devia”, “dava”, “gostava”, “trabalhava”, “lava”, “povo”, “serviço”. Há muitas células vazias para os termos *extremamente usuais* porque, nesse fator, só existem “ta/v/a(m) - esta/v/a(m)”. Talvez, por isso, seu percentual e seu peso relativo tenham se destacado.

#### e) Monitoramento estilístico

Nessa variável, analisamos as possíveis influências do tipo de registro sobre a aspiração de /v/ em posição intervocálica. De modo mais preciso, testamos dois tipos de inquérito: DID e D2. Em geral, espera-se que o DID apresente um comportamento de certa forma monitorado (pouco relaxado) pelo informante, o que pode ser um reflexo da presença do inquiridor e do gravador, embora

a nossa escolha pela audição dos quarenta minutos<sup>22</sup> finais da gravação tenha procurado eliminar um pouco esse controle. O D2, por sua vez, normalmente reflete um discurso mais relaxado. Em geral, eles são realizados entre duas pessoas amigas ou que tinham laços de família. Enfim, os informantes do D2 tinham entre si certo grau de intimidade, fato que poderia eliminar boa parte do monitoramento na fala delas. Dessa forma, esperávamos que houvesse um maior número de variantes inovadoras nos inquéritos do tipo D2.

O GoldVarb X selecionou a variável *monitoramento estilístico* em quinto lugar e, por meio dela, verificamos que, nos inquéritos do tipo DID, há o favorecimento da variante aspirada (0,572); ao passo que, nos inquéritos do tipo D2, esse valor é de apenas 0,361, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5: Atuação do *monitoramento estilístico* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
DID	753/3242	23,2	0,572
D2	243/1660	14,6	0,361

Esses resultados refutam, portanto, a hipótese de que os inquéritos do tipo D2 favoreceriam o uso da variante aspirada. Além disso, verificamos que a diferença entre os valores apresentados é significativa. Assim, podemos concluir que essa variável interfere no fenômeno em estudo e que os falantes, embora numa situação (teoricamente) mais monitorada, produzem mais a variante aspirada.

Na busca por explicações para esses resultados, pontuamos que, durante a fase da coleta dos dados deste estudo, notamos que os entrevistadores nos registros do tipo DID tinham conseguido criar um ambiente de muita informalidade, cumprindo seu objetivo inicial, como menciona AUTOR (2007, p.57):

Embora o grau de intimidade entre informante e pesquisador não fosse muito elevado, porque, na maioria das entrevistas, os participantes não se conheciam previamente, o entrevistador buscava conduzir a entrevista de forma descontraída e natural. Nas entrevistas realizadas, a participação do pesquisador restringia-se à formulação de perguntas curtas e claras que eram feitas com o intuito de incentivar o entrevistado a falar o máximo possível. [...]. Sempre que era percebida a preferência do entrevistado por um determinado assunto, procurava-se explorar este tema mais detidamente. Isso fazia com que o informante se entusiasmasse

<sup>22</sup> Evidentemente, esse tempo foi menor, quando a gravação possuía menos de 40 minutos.

com o seu relato a ponto de esquecer que sua fala estava sendo gravada, como ele próprio confessava, ou lamentasse o término da entrevista.

#### f) Faixa etária

Em sexto lugar, o GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevante a variável extralingüística *faixa etária*. Os resultados obtidos para esse grupo de fatores indicam que quanto maior a faixa etária maior será o favorecimento da variante aspirada, como descrito na Tabela 6:

Tabela 6: Atuação da *faixa etária* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico. Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	513/1939	26,5	0,599
26-49 anos	282/1530	18,4	0,486
15-25 anos	201/1433	14,0	0,382

Por outro lado, vemos que os falantes com idade intermediária (26-49 anos), com 0,486 de peso relativo, assim como os falantes mais jovens de nossa amostra (15-25 anos), com 0,382 de peso relativo, tendem a inibir o enfraquecimento de /v/. Dessa maneira, a única faixa etária que aparece como aliada da regra é a terceira (50 anos em diante), apresentando 0,599 de peso relativo. Importante ressaltar que esses resultados refutam a hipótese que levantamos inicialmente para o comportamento da variável *faixa etária*, isto é, esperávamos que os falantes mais jovens beneficiassem o enfraquecimento de /v/ em posição intervocálica.

No que tange ao tratamento da variável *faixa etária* no quadro dos estudos sociolinguísticos variacionistas, destacamos que estudos feitos por Labov (2008), em Nova Iorque e em Matha's Vineyard, apontam que existe uma tendência dos mais jovens usarem as formas mais inovadoras, enquanto que os mais velhos tendem a privilegiar as formas mais conservadoras. De igual modo, sabemos que o fator *faixa etária* pode ser um importante fator na indicação do estado em que se encontra um determinado fenômeno de variação em uma comunidade específica, dando indícios de que o fenômeno encontra-se em variação estável ou em processo de mudança (MARQUES, 2001), nesse último caso, espera-se que os falantes mais velhos favoreçam o uso da variante inovadora, ao contrário dos falantes mais jovens.

Articulando tais postulados aos resultados obtidos nesta pesquisa, acreditamos que, na comunidade de fala de Fortaleza, a aspiração de /v/ em posição

intervocálica encontra-se em processo de variação estável, pois, embora tenhamos constatado que os falantes mais velhos estejam favorecendo o uso da variante aspirada (Tabela 6), os índices gerais apontam que a variante inovadora (aspirada) tende a ocorrer com frequência significativamente menor (20,3 %) do que a variante conservadora (manutenção), conforme indicamos no Gráfico 1, no início desta seção.

Esse ponto, somado ainda ao fato de os falantes com menos escolarização favorecerem a reificação de /v/ em posição intervocálica pode indicar que, na comunidade em estudo, esse pode ser um fenômeno estigmatizado socialmente, fato que certamente dificultaria sua implementação definitiva na comunidade de fala de Fortaleza em diferentes estratos sociais (MARTELOTA, 2001).

Pontuamos que a avaliação positiva ou negativa da variante aspirada poderia ser mais bem observada por meio do uso de *testes de atitudes* que, por questões metodológicas, não foram realizados neste trabalho. Contudo, acreditamos que a realização de um teste de atitudes sobre a aspiração de /v/ em contexto intervocálico na comunidade de fala de Fortaleza é um ponto lacunar deste estudo que, certamente, abre espaço para a realização de pesquisas futuras.

#### g) Contexto fonológico subsequente

Testamos também a possível atuação do contexto fonológico subsequente. Nessa variável, os fonemas observados foram: [a]: gosta/v/a (DID 06); [ɛ̃]: Øta/v/am (D2. 94); [e]: gu/v/erno (DID 46); [ɛ]: cun/v/eØsa (DID 95); [ẽ]: con/v/ento (D2 129); [i]: vi/v/e (DID 06); [ĩ]: no/v/im (D2 129); [o]: fa/v/ô (DID 06); [ɔ]: de/v/óØve (DID 10); [õ]: I/v/onete (DID 36); [u]: no/v/o (DID 06); [ũ]: /v/ũmitanØ (D2 94) e [ɪ]: Flá/v/ia (DID 143).

O *contexto fonológico subsequente* foi a sétima variável a ser selecionada pelo GoldVarb X e apresentou como vogais favorecedoras do enfraquecimento de /v/ apenas o [a] (0,651), [ɛ̃] (0,631) e [u] (0,520). As demais vogais atuaram no sentido de inibir o uso da referida regra, conforme mostram os dados distribuídos na Tabela 7:

Tabela 7: Atuação do *contexto fonológico subsequente* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico. Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
[a]	878/2259	38,9	0,651
[ɛ̃]	13/171	7,6	0,631
[u]	16/343	4,7	0,520
[ɛ]	28/514	5,4	0,484

[ɔ]	1/67	1,5	0,476
[i]	56/1131	5,0	0,337
[o]	2/87	2,3	0,278
[e]	2/330	0,6	0,126

Esses resultados confirmam mais uma de nossas hipóteses iniciais, pois, para a variável *contexto fonológico subsequente*, supomos que os contextos circundados pela vogal /a/ beneficiariam a variante aspirada, conforme indicam os dados deste trabalho.

Sobre o favorecimento da aspiração de /v/ em posição intervocálica registrada em outras pesquisas, ressaltamos que o estudo de Marques (2001) também revela que a vogal /a/ é a principal favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,76). Em segundo lugar, apareceram as vogais nasais (0,60); em terceiro, despontam as médias (0,52), cujo índice de probabilidade deveu-se, em grande parte, às vogais [e] e [ɛ]. Por último e, inibindo a variante aspirada, temos as vogais altas (0,34) que também se mostraram inibidoras da aspiração de /v/ nos resultados deste trabalho.

Em comparação, registramos que o estudo de Aragão (2009) apresenta a vogal seguinte como um dos fatores internos que mais marcam o fenômeno no falar cearense. Embora a autora não cite uma vogal específica, entendemos, pelos seus exemplos, que seja [a]: “ca[h]alo”.

#### h) Sexo

Com o intuito de observar se o *sexo* exerce influência sobre a aspiração de /v/ em contexto intervocálico, na amostra deste estudo, testamos a atuação de dois fatores, conforme a estratificação social dos informantes no NORPOFOR: homens e mulheres. Esta variável, dentre as extralinguísticas, foi selecionada em último lugar pelo GoldVarb X. Em nossos dados, verificamos que são os *homens* (0,552) que favorecem a aspiração de /v/, mas com um peso relativo apenas discretamente maior do que o das *mulheres* (0,460), segundo informam os dados da tabela 8.

Tabela 8: Atuação do *sexo* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico.  
Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Homens	384/2138	18,0	0,552
Mulheres	612/2764	22,1	0,460

Importante destacar que os resultados obtidos para a variável *sexo* refutam nossa hipótese inicial para o comportamento de /v/ em posição intervocálica na amostra deste trabalho frente a essa variável, já que acreditávamos que o sexo não exerceria influência sobre o fenômeno. Afinal, inicialmente, supomos que o enfraquecimento de /v/ ocorreria de modo indiscriminado tanto na fala de homens como de mulheres.

Para efeitos comparativos, em contexto de /v/ intervocálico, achamos importante relatar que Roncarati e Uchoa (1988) incluem a palavra “tele[h]isão” em seu teste de atitudes e, segundo a percepção dos juízes cearenses que participaram do teste, nomes como esses costumam ser enfraquecidos *pelos homens* (70%) (RONCARATI; UCHOA, 1988), indo de encontro assim aos nossos resultados.

Merece destaque ainda o fato de que, como indica Monteiro (2000), a diferença sexual é, antes de tudo, “um fato de ordem sociocultural que se reflete na língua enquanto sistema semiótico entre outros.” Nesse sentido, estudos sociolinguísticos que envolvem a variável *sexo* normalmente revelam que as mulheres costumam utilizar as formas prestigiadas socialmente (padrão), enquanto os homens favorecem mais as formas menos valorizadas (não-padrão).

Em relação aos resultados obtidos aqui, vemos que essas premissas se consolidam, já que os homens de nossa amostra se revelaram, conforme já indicamos, mais sensíveis ao uso da variante aspirada, a qual é tida como não-padronizada.

#### i) *Status* morfológico do segmento

Ainda que estejamos analisando variáveis fonológicas, investigamos, também, se o *status morfológico do segmento* exerce alguma influência sobre a ocorrência do fenômeno em análise. Em outras palavras, analisamos se a aspiração de /v/ se dá mais em morfemas lexicais, como em *la/v/a*∅ (DID 06), ou nos gramaticais, como em *gosta/v/a* (DID 06).

A variável *status morfológico do segmento* foi selecionada em nono lugar e, a partir dela, verificamos que os morfemas gramaticais (0,674) são responsáveis pelo enfraquecimento de /v/; enquanto os *lexicais* (0,402) atuam negativamente sobre a regra, de acordo com os resultados da Tabela 9:

Tabela 9: Atuação do *status morfológico do segmento* sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico. Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Morfema gramatical	789/1734	45,5	0,674
Morfema lexical	207/3168	6,5	0,402

Dessa forma, confirmamos a hipótese de que os *morfemas lexicais*, por fazerem parte da raiz da palavra, sendo assim, portadores de um conteúdo informacional, são mais resistentes ao enfraquecimento, enquanto que os morfemas gramaticais tendem a favorecer a aspiração de /v/ em contexto intervocálico.

Esses resultados são semelhantes aos de Roncarati e Uchoa (1988), visto que são as palavras no pretérito imperfeito com a forma /ava/, que constituem um morfema gramatical, as que favoreceram a variante aspirada. Em Marques (2001), essa variável foi selecionada, em primeiro lugar, no arquivo em que ela separou apenas os dados de palavras com /ava/ e não foi selecionada no arquivo com as palavras sem /ava/. Na pesquisa dessa autora, obteve-se o mesmo resultado, pois foram os morfemas *não-lexicais* (0,57) os que beneficiaram o enfraquecimento; enquanto os *lexicais* (0,12) atuaram negativamente sobre o fenômeno.

#### j) Dimensão do vocábulo

Testamos a variável dimensão do vocábulo com o intuito de verificar se a extensão do mesmo teria alguma influência sobre o enfraquecimento de /v/. A maior parte das pesquisas aponta que quanto mais extenso for o vocábulo, maior será o enfraquecimento, ou seja, maior será o uso da variante aspirada. Assim, testamos os fatores: dissílabo – ti/v/é (DID 06) – e trissílabo ou maior – le/v/aram (DID 06).

Selecionada em último lugar, a variável *dimensão do vocábulo* apresentou resultados que não confirmaram a hipótese inicial de que, quanto maior for o tamanho do vocábulo, maior seria o índice de enfraquecimento. Em sentido oposto, vimos que os *dissílabos* é que atuaram positivamente sobre o fenômeno investigado (0,593); enquanto os trissílabos, ou maiores, obtiveram uma atuação negativa (0,437), conforme mostra a Tabela 10.

Tabela 10: Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico. Fonte: Autor.

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Dissílabos	437/1970	22,2	0,593
Trissílabos ou maiores	559/2932	19,1	0,437

A fim de verificarmos se alguma variável estaria interferindo no resultado desse grupo, percebemos que, ao cruzarmos *dimensão do vocábulo* com *classes de palavras*, a célula da classe “outros” apresentava 0% para os *trissílabos* ou *maiores*, enquanto, para os *dissílabos*, era 59%, configurando, portanto, um enorme desequilíbrio. Devemos esse resultado à locução interjetiva “A[h]e Maria!”, classificada na classe que causou tal desproporção.

Por último, pontuamos que, na comunidade pessoense, a pesquisa de Marques (2001)<sup>23</sup> também aponta que os *dissílabos* são fortes condicionadores do fenômeno (0,66). Os *monossílabos*<sup>24</sup> também apresentaram um valor acima do ponto neutro (0,54). Contudo, os *trissílabos* e os *polissílabos* inibiram o enfraquecimento, com 0,48 e 0,34, respectivamente.

## Considerações finais

Neste trabalho, assumimos que, no falar popular de Fortaleza-CE, a fricativa /v/ em posição intervocálica apresenta duas possibilidades de uso: realização plena e enfraquecimento. Essas duas variantes linguísticas se mostraram bastante produtivas, nesta pesquisa, já que trabalhamos com um total de 4.902 ocorrências para o fenômeno em pauta. Nesse universo, o enfraquecimento de /v/ em posição intervocálica ocorreu em 20,3% dos casos, indicando que, na variedade popular da capital cearense, a variante aspirada tende a ocorrer de modo bastante significativo.

Como objetivo maior, intentamos analisar a influência de variáveis intra e extralinguísticas sobre o uso da variante aspirada. Ao todo, testamos a atuação de 13 variáveis. Dentre elas, foram apontadas como relevantes nesta ordem decrescente de importância: *grupo fônico*, *classes de palavras*, *escolaridade*,

<sup>23</sup> A variável dimensão do vocábulo só foi selecionada no arquivo em que Marques (2001) isola as ocorrências com a forma /ava/ (tanto verbos quanto não-verbos).

<sup>24</sup> A autora não dá exemplos desses monossílabos, mas explicita o seu total de 12/102.

*frequência de uso, monitoramento estilístico, faixa etária, contexto fonológico subsequente, sexo, status morfológico do segmento e dimensão do vocábulo.*

Com o *grupo fônico*, verificamos que os termos com /ava/ beneficiam a variante aspirada. Para a *classe de palavras*, os verbos e outros termos condicionaram de modo positivo a regra. Com a *escolaridade*, vimos que os falantes menos escolarizados (0-4 anos) favorecem a aspiração de /v/. A variável *frequência de uso* indicou que os termos usuais, muito usual e extremamente usuais proporcionam o enfraquecimento de /v/.

Com o *monitoramento estilístico*, verificamos que os inqueritos do tipo DID favorecem o enfraquecimento de /v/. A *faixa etária* indicou que os falantes com 50 anos ou mais beneficiam a regra. A variável *contexto fonológico subsequente* indicou que os seguimentos sonoros [a], [ɛ~] e [u] favorecem a reificação de /v/. A variável *sexo*, por sua vez, indicou que os homens privilegiam a regra. A variável *status morfológico do segmento* indicou que os morfemas gramaticais favorecem o enfraquecimento de /v/. Por último, a variável *dimensão do vocábulo* mostrou que apenas os vocábulos dissílabos beneficiam a regra no falar popular da capital cearense.

## Referências

- ALENCAR, M. S. M. de. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza**: as realizações dos fonemas /r/ e /ʁ/. 2007. 184 p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às Palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 187-200
- AUTOR **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007, 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <[www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597)>. Acesso em: 12 Mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 05 Nov. 2017.

- CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, Z/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. Salvador, 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 1991.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARQUES, S. M. O. **A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa**. João Pessoa, 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2001.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PELICIOLI, R. **Arênti tarra em carra mermo: a aspiração de fricativas na fala de Salvador**. Salvador-BA, 2008. 48f. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas). Universidade Federal da Bahia, Salvador -BA, 2008.
- RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. (orgs.) **Projeto Dialectos Sociais Cearenses**. Fortaleza: UFC, 1988.
- ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. (orgs.). Variação fonológica e morfossintática na fala cearense. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, 17, 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1999. p. 1-12.
- SANKOFF, D.; Tagliamonte, S. A.; Smith, E. **Goldvarb X: a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em 10 Jan. 2017.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em 19 de novembro de 2017.

Aceito em 27 de fevereiro de 2018.